

## EDITORIAL

O primeiro semestre de 2007 é marcante para Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), devido à implantação de seus três programas de pós-graduação *stricto sensu*, credenciados pela CAPES. A verticalização do ensino superior era uma antiga aspiração do corpo diretivo e docente da FAED, que se concretiza com um misto de satisfação e de preocupação frente ao desafio de consolidar a cultura pós-graduada *stricto sensu*. O Programa de Pós-Graduação em Educação se institui por meio do oferecimento do Curso de Mestrado e da articulação da pesquisa institucional, bem como através da divulgação de novos saberes que contribuem para transformar a educação brasileira. Nesta direção, a **Linhas – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação** tem um papel importante na medida em que ela dissemina investigações científicas realizadas por professores e mestrandos do PPGE da UDESC e trabalhos acadêmicos produzidos no Brasil e em outros países.

O presente número da Revista Linhas reúne nove artigos científicos e uma resenha. Trata-se de reflexões que focalizam a educação a partir de diversificados aportes teóricos e de variadas questões temáticas, contando com autores brasileiros e latino-americanos. A maioria dos textos explora objetos de pesquisa transversalizados por marcadores sociais como etnia, idade e gênero. O artigo “La perspectiva intercultural como base para imaginar una educación democrática para los pueblos autóctonos y para la sociedad multicultural en América Latina”, de José Marin, reflete sobre a importância de se colocar em marcha a interculturalidade no campo educacional, que respeite a diversidade dos povos indígenas e imigrantes. Com esse intuito, ele critica a educação monolíngue e monocultural, implementada nos países latino-americanos durante os dois últimos séculos. A discussão sobre a construção histórica do “paraíso racial” no Brasil é objeto do texto de Tiago de Melo Gomes, sob o título “Afro-Brasileiros e a construção da idéia de democracia racial nos anos 1920”. Ele faz uma leitura instigante da peça “Tudo Preto”, encenada pela Companhia Negra de Revistas, em 1926, que foi assistida por Gilberto Freire e certamente influenciou as suas obras antropológicas. Nesse mesmo ano deu-se a edificação do monumento à “Mãe Negra”, que ensejou debate sobre “a fábula das três raças” que plasmaram o Brasil.

No ensaio “Velhice, Andragogia e a educação para além do capital”, o sociólogo Marcos Augusto de Castro Peres apresenta uma análise provocativa acerca da exclusão da

velhice nos projetos de educação sob o regime capitalista, marcados pela visão funcionalista. Nesta direção, ele critica a lógica mercantilista e o caráter elitista da UNATI – Universidades abertas à Terceira Idade, que se estabeleceram no Brasil desde os anos 1970. E propõe a implantação de uma educação “andragógica” e popular, não necessariamente formal e inspirada nas idéias pedagógicas de Paulo Freire, que atenda a um projeto de autonomia e emancipação da terceira idade. Adotando perspectiva teórica similar, mas também inspirado em Michel Foucault, o artigo “Educação, sexualidade e o ‘panta rei’ de Heráclito”, do psicólogo e pastor Alexandre Ari Monich e da pedagoga Nélia Elaine Wahlbrink Engster, reflete sobre a educação sexual nas escolas no mundo contemporâneo. Os autores desse texto problematizam a visão tradicional da sexualidade, baseada na bipolarização de gênero, e sugerem que as práticas sexuais são diversificadas e como tal devem ser abordadas, como tema transversal dos PCNs, na educação básica.

O artigo “A nacionalização no Contestado, centro-oeste de Santa Catarina, na primeira metade do século XX”, do historiador Nilson Thomé, desdobra questões em torno da nacionalização do ensino em Santa Catarina. Ele se propõe reler a nacionalização na região do Contestado, afirmando que essa questão tem sido preterida pela historiografia da educação catarinense. Apoiando-se nos estudos clássicos de Neide de Almeida Fiori, Thomé procura compreender o processo de nacionalização em Santa Catarina na longa duração, ou seja, percebe as tentativas de abraçar estrangeiros por meio da escolarização, no mínimo desde o Reforma Orestes Guimarães (1911), mas constata sobremaneira a nacionalização autoritária colocada em marcha durante a Primeira Guerra Mundial e o Estado Novo. O artigo em tela explora muito bem “a política agressiva de nacionalização”, chefiada pelo interventor Nereu Ramos, que destruiu a diversidade étnica na região do Contestado – formada por comunidades de imigrantes alemães, italianos poloneses e ucranianos – por meio do fechamento de suas instituições comunitárias e escolares.

A educação escolar contemporânea é relida por meio de três artigos oportunos. Em “¿Sesgos en la selección de estudiantes a las universidades públicas chilenas? Lecciones para la enseñanza secundaria y superior”, os pesquisadores chilenos Sebastián Donoso e Ernensto Schiefelbein apresentam um análise sociológica das provas de seleção para o acesso às universidades públicas no Chile, levando em conta os marcadores sociais gênero e categoria sócio-profissional. No ensaio intitulado “Jóvenes y adultos en espacios sociales urbanos y rurales: contextos de cultura escrita, alfabetización, y conocimientos”, a antropóloga Elisa Cragolino reflete sobre a alfabetização como prática social, condicionada por fatores históricos e culturais, que intenta superar a “visão técnica da alfabetização”. O texto coletivo

“O emprego da abordagem DSC (Discurso do Sujeito Coletivo) na pesquisa em educação”, assinado por Fernanda de Sales, Francisco das Chagas de Souza e Valquíria Michela John, oferece reflexões muito interessantes que entrelaçam leitura, educação e comunicação, a partir da perspectiva do chamado Discurso do Sujeito Coletivo.

O presente número da Revista Linhas ainda apresenta duas releituras curiosas. A primeira é realizada no artigo “Sobre o projeto de formação humana em Rousseau: alguns comentários”, de Wilson Alves de Paula, que explora a educação interativa, prática e espontânea sugerida por Jean Jacques Rousseau, especialmente na obra “Emílio ou da Educação”. Segundo o autor, a perspectiva rousseuniana, apropriada pelas pedagogias não-diretivas durante o século XX, é muito atual no mundo contemporâneo. A outra releitura é apontada pela resenha de José Eduardo Franco sobre a obra “Negócios jesuíticos: o cotidiano da administração dos bens divinos”, do historiador Paulo de Assunção. A resenha crítica chama atenção para a dimensão empresarial da Companhia de Jesus – considerada a primeira multinacional da história – durante a sua presença, por mais de dois séculos, na América Portuguesa.

Norberto Dallabrida  
Editor-chefe